

Representações Sociais de Juventude em uma Comunidade Quilombola do Agreste Pernambucano

Maria de Fátima de Souza Santos
Lívia Botelho Félix
Edclécia Reino Carneiro de Moraes

*Universidade Federal Pernambuco
Recife, PE, Brasil*

RESUMO

Esse estudo teve como objetivo investigar as representações sociais de juventude entre adolescentes e pais de uma comunidade quilombola. Realizaram-se entrevistas semiestruturadas com 35 adolescentes e 30 adultos, visando apreender ideias, valores, sentimentos e práticas sociais percebidas por eles relativas à adolescência. As entrevistas foram analisadas com auxílio do software Alceste. De modo geral, esta população concebe a existência de uma fase situada entre infância e vida adulta, atribuindo-lhe diferentes nomeações. Para os pais, a juventude é caracterizada pela incompletude e imaturidade, ao passo que os jovens atribuem a essa fase o aumento de responsabilidade. Para ambos, o início da vida afetivo-sexual, o divertimento, participação em festas e consumo de bebidas são práticas típicas dos jovens da comunidade e os principais marcadores da juventude. As variações nas nomeações e conceitos sobre a juventude apontam para o caráter dinâmico das representações sociais, que concebem conflitos e hierarquias subjacentes ao seu conteúdo.

Palavra chave: Juventude; representações sociais; quilombo; adolescência.

ABSTRACT

Social Representations of Youth in a Quilombola Community in Agreste Pernambuco

The goal of this study was to analyze the social representations about adolescence between adolescents and parents from a quilombola community. We conducted semistructured interviews with 35 adolescents and 30 parents, in order to apprehend ideas, values, feelings and social practices perceived by them relating to adolescence. Data analysis was performed with the software Alceste. In general, this population conceive the existence of a stage located between childhood and adulthood. For parents, the youth is characterized by incompleteness and immaturity, while young people attach to that stage, the increased responsibility. For both, the beginning of affective-sexual lives, fun, participation in parties and drinking practices are typical of the young in the community and the head markers of youth. Changes in nominations and concepts about youth point to the dynamic character of social representations, which conceives conflicts and hierarchies underlying to its content.

Keywords: Youth; social representations; quilombo; adolescence.

RESUMEN

Representaciones Sociales de Juventud en una Comunidad Quilombola de el Agreste Pernambucano

El objetivo del estudio es investigar las representaciones sociales de juventud entre adolescentes y padres en una comunidad quilombola. Se realizaron 65 entrevistas semi-estructuradas, 35 adolescentes y 30 adultos, con el propósito de reconocer las ideas, valores, sentimientos y prácticas sociales percibidas por ellos, relativas a la adolescencia. Las entrevistas fueron analizadas con el software Alceste. Los resultados muestran que la población concibe la existencia de una fase situada entre la infancia y la vida adulta atribuyéndole diferentes denominaciones. Para los padres, la juventud está caracterizada por la incompletude y la inmadurez, al mismo tiempo que los jóvenes atribuyen a esta fase el aumento de responsabilidad. Para ambos, el inicio de la vida afectiva-sexual, la diversión, la participación en fiestas y el consumo de bebidas alcohólicas son prácticas típicas de los jóvenes de la comunidad y son los principales signos de juventud. Las variaciones en las denominaciones y conceptos sobre la juventud apuntan al carácter dinámico de las representaciones sociales, que conciben conflictos y jerarquías subyacentes a su contenido.

Palabra clave: Juventud; representaciones sociales; quilombo; adolescencia.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento humano é geralmente concebido no meio científico e no senso comum como uma sucessão de fases que caminham de forma sequenciada, ordenada e gradual rumo a uma competência maior e à maturidade (Almeida e Santos, 1998). Nesse sentido, a ciência considera que cada fase do desenvolvimento comporta um conjunto específico de habilidades cognitivas e características afetivas. Da mesma maneira, as pessoas em seu cotidiano elaboram teorias do senso comum, no intuito de compreender o que vem a ser infância, adolescência, vida adulta e velhice, e acabam também construindo especificidades para cada uma dessas fases. Assim, esquemas simbólicos são construídos para subsidiar as ações, dando origem a práticas sociais referentes às etapas do desenvolvimento, as quais, por sua vez, legitimam ou transformam representações. Portanto, para cada fase do desenvolvimento existem diferentes representações e práticas sociais, correlacionadas e mutuamente influenciáveis, que servem como base para estruturação dos sujeitos nas diferentes fases da vida. Desse modo, é importante conhecer as representações e práticas construídas em torno das diferentes fases do desenvolvimento humano nos diversos contextos sociais, considerando sua influência no processo de desenvolvimento humano (Santos, Aléssio e Albuquerque, 2007). No caso deste artigo, será focalizada mais especificamente a adolescência.

Atualmente, a Organização Mundial de Saúde (OMS) define a adolescência como uma fase do desenvolvimento situada entre 12 e 19 anos, sendo seu início definido por critérios biológicos (com os primeiros sinais dos caracteres sexuais secundários), e seu término marcado por fatores sociais (como processo de independência econômica) (Almeida, Cunha e Santos, 2004).

Segundo alguns autores (Áries, 1981; Almeida, Cunha e Santos, 2004; Oliveira e Egrý, 1997, entre outros), a adolescência é um fenômeno típico do mundo contemporâneo, cujo conceito emergiu no Ocidente no início do século XX, associado à ideia de mudança biológica a partir do crescimento, uma vez que o termo *adolescere*, derivado do latim, significa crescer. Nesse contexto, a adolescência também é concebida como um produto da Revolução Industrial, observada com a instituição do sistema educacional obrigatório e os programas de maternidade e da infância.

Dentre as principais teorias sobre a adolescência, observam-se duas tendências na Psicologia do Desenvolvimento: uma que propõe a universalidade desse período, e outra que a concebe a partir da inserção

histórica e cultural. No âmbito do primeiro enfoque, a adolescência é definida como uma fase de transição, rebeldia, busca da identidade e acirramento de conflitos. Concebida como uma fase única, a heterogeneidade de adolescências existentes em função do momento histórico e do contexto socioeconômico cultural em que ela se constrói não é considerada (Almeida, 2003).

Do ponto de vista do segundo enfoque, considera-se que a adolescência assume diferentes formas de expressão, tratando-se, portanto, de um fenômeno social que remete a crenças, tradições e padrões típicos de cada sociedade, e que pode adquirir diferentes roupagens a depender do momento histórico que se situe. (Benedict, 2000; Minayo e Coimbra Jr., 2002; Bock, 2004).

Segundo Minayo e Coimbra Jr. (2002), embora as várias etapas do desenvolvimento humano compartilhem uma base biológica que garante mudanças específicas, elas são categorias culturalmente construídas ao longo da história social. Entretanto, a Psicologia, em alguns momentos, no intuito de explicar, ordenar e classificar o desenvolvimento humano acaba por naturalizá-lo ao basear-se em preceitos biológicos, desprezando assim, os saberes construídos coletivamente.

Ao mesmo tempo, os diversos grupos sociais, se apropriam desses conhecimentos gerados pela ciência e procuram, em um processo de assimilação e partilha, reconstruí-los a partir de valores, crenças e normas próprias. Tais saberes socialmente construídos constituem um elemento de comunicação e interação social entre grupos. Além disso, participam da construção identitária dos mesmos, na medida em que constituem elementos do imaginário que dão organicidade a estes, e definem os espaços designados a cada indivíduo em uma dada configuração social (Santos, Aléssio e Albuquerque, 2007; Almeida e Cunha, 2003).

A adolescência, nessa perspectiva, se apresenta como um conceito construído social e historicamente que se insere nos discursos científicos e do cotidiano. As diferentes formas de se conceber a adolescência, somada à sua relevância cultural, justificam a escolha desta como um objeto plausível de ser estudado à luz da Teoria das Representações Sociais, na medida em que, as representações sociais da adolescência atuam de modo a atribuir sentido a essa fase do desenvolvimento, assim como exercem influência em sua construção.

A Teoria das Representações Sociais se ocupa especificamente do estudo das teorias do senso comum, ou seja, “conjuntos de conceitos articulados que têm origem nas práticas sociais e diversidades grupais cuja função é dar sentido à realidade social, produzir identidades, organizar as comunicações e orientar as condutas” (Santos, 2005, p. 22).

Esta teoria tem se mostrado um instrumento fundamental para a compreensão das aparentes discrepâncias e dicotomias emergentes no complexo processo de conhecimento de um dado fenômeno social. Para tanto, possui o impacto do cotidiano na construção do conhecimento como pressuposto fundamental (Martins, Trindade e Almeida, 2003).

De acordo com as referidas autoras, representar, nesta perspectiva, não significa reproduzir ou duplicar, representar significa reconstruir. Em outras palavras, representar é participar ativamente do processo de construção da sociedade e de si.

As representações estão ligadas a sistemas de pensamento ideológicos ou culturais mais amplos, a conhecimentos científicos, à condição social e à esfera da experiência privada dos indivíduos. Assim, elas apoiam-se em valores variáveis segundo os grupos sociais de onde tiram suas significações, e em saberes anteriores, os quais são lembrados por uma situação social específica (Jodelet, 2001).

Segundo Jodelet (2001), as representações sociais são formuladas a partir das apreensões e reelaborações desenvolvidas pelo senso comum. Estas teorias possuem uma lógica própria de constituição, o que não as torna inferior ou superior às teorias científicas. “Trata-se de um conhecimento ‘outro’, diferente da ciência, mas que é adaptado à ação sobre o mundo e mesmo corroborado por ela” (p.29).

De acordo com Moscovici (1978), as representações sociais são construídas pelos processos de objetivação e ancoragem. No primeiro, as ideias a respeito do objeto social são apropriadas e materializadas pelos sujeitos, por meio de naturalizações, classificações e construções de um núcleo figurativo. Em outras palavras, objetivar é fazer “com que se torne real um esquema conceitual, com que se dê a uma imagem uma contrapartida material” (p. 110).

A ancoragem, por sua vez, consiste em um processo de assimilação, enquadre de novas representações em um sistema já conhecido, familiar, de forma que, tanto os novos elementos sofrem alterações desse sistema de pensamentos, quanto o sistema é modificado por parte das novas representações.

Em geral, a adolescência é discutida com base nas informações dos centros urbanos, como se esta fosse concebida da mesma forma nas diferentes realidades sociais. Entretanto, tendo em vista que a adolescência é uma noção construída social e historicamente, cabe investigar como esta noção se presentifica nos discursos e práticas de sujeitos oriundos de outros meios sociais, que não da zona urbana, como é o caso das comunidades quilombolas, que se diferenciam,

principalmente, por sua história, território, economia, cultura e organização próprias.

As expressões quilombos, mocambos, terra de preto, comunidades remanescentes de quilombos, comunidades negras rurais, comunidades de terreiro denominam grupos sociais afrodescendentes trazidos ao Brasil durante o período colonial, que resistiram ou rebelaram-se contra sua condição de cativo, e contra o próprio sistema colonial, formando territórios independentes. Nestes tinha-se a liberdade e o trabalho comum como símbolos de diferenciação do regime de trabalho adotado pela metrópole (Leite, 2000).

Na Constituição Federal promulgada em 1988, o artigo 68 das Disposições Transitórias prevê o reconhecimento da propriedade das terras dos “remanescentes das comunidades dos quilombos”. O debate acerca do quilombo é trazido novamente ao cenário político nacional, como reivindicação relativa a uma “dívida” que a nação brasileira teria para com os afro-brasileiros em consequência da escravidão, considerando-se também que a primeira Lei de Terras, escrita e lavrada no Brasil, datada de 1850, excluiu os africanos e seus descendentes da categoria de brasileiros, situando-os numa categoria à parte, nomeada “libertos”. Desde então, os negros foram atingidos por todos os tipos de racismos, arbitrariedades e violência, sendo expulsos ou removidos dos lugares que escolheram para viver, mesmo quando a terra chegou a ser comprada ou herdada de antigos senhores. Emerge, assim, a noção de quilombo como forma de organização, de luta, de espaço conquistado e mantido através de gerações, significando, na atualidade, sobretudo, um direito a ser reconhecido para esta parcela da sociedade brasileira (Leite, 2000).

O artigo segundo do Decreto 4.887 ao definir as comunidades quilombolas, afirma que “consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida” (Brasil, 2011). Ressalta-se o caráter da auto atribuição como fator fundamental para o reconhecimento de uma comunidade como remanescente de quilombo, sendo necessário que a própria comunidade se autorreconheça como tal.

Como afirma Reis (2004), atualmente um dos objetivos da formação das comunidades remanescentes de quilombos é a luta e a resistência buscando a manutenção da cultura. Assim, os quilombolas atuais costumam reproduzir em suas práticas algumas das

tradições culturais herdadas dos antigos quilombos. Entretanto, faz-se necessário destacar que essas tradições variam muito a partir das diferentes regiões e contextos sócio históricos de cada comunidade, visto que, desde os antigos quilombos a diversidade cultural já era expressa.

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA – estima que existam mais de três mil comunidades quilombolas em todo o país (Brasil, 2011). Entretanto, conforme registros da Fundação Cultural Palmares (2011), estão identificadas, oficialmente, 1.667 comunidades remanescentes dos quilombos. Sendo que, as maiores concentrações destas comunidades estão nos estados da Bahia, Maranhão, Minas Gerais e Pernambuco, existindo, contudo, comunidades quilombolas espalhadas por todos os estados brasileiros, de norte a sul.

Em Pernambuco existem em torno de 103 comunidades que se autodeterminam como remanescentes de antigos quilombos (Fundação Cultural Palmares, 2011). A comunidade estudada na presente pesquisa, denominada Imbé, situa-se no Agreste Meridional Pernambucano, região de maior densidade de comunidades quilombolas do estado, localizada a 16 km da sede do município de Capoeiras e a 237 km de Recife.

Segundo informações disponibilizadas no Pronager Nordeste (2001), a comunidade do Imbé possui uma população de aproximadamente 1000 habitantes, que vivem com condições precárias de moradia, educação e saúde. O índice de analfabetismo é de aproximadamente 89%, majoritariamente entre a população adulta.

Existem relatos de que um grupo advindo do Quilombo dos Palmares habitava essa região no início do século XIX, o que a torna a mais antiga comunidade do município de Capoeiras, que foi emancipado apenas em 1963. Atualmente a comunidade possui o documento da Fundação Cultural Palmares, que afirma o seu auto reconhecimento enquanto comunidade remanescente de quilombo. Contudo, segundo o INCRA, a titulação de suas terras ainda encontra-se em processo de regularização.

O objetivo desse estudo consistiu em investigar as representações sociais de juventude entre adolescentes e pais e/ou responsáveis residentes de uma comunidade quilombola. Buscou-se ainda analisar o conteúdo e os processos sociais e psicológicos subjacentes a essas representações. Vale ressaltar que, a utilização do termo juventude em detrimento de adolescência está relacionada com a possibilidade de emergência de outras formas de marcações e nomeações para os sujeitos deste contexto.

MATERIAIS E MÉTODO

Sujeitos

Foram investigados 35 sujeitos adolescentes, 24 do sexo feminino e 11 do masculino, entre 12 e 19 anos, e 30 sujeitos adultos, 25 do sexo feminino e 5 do masculino, com filhos nessa faixa etária. Todos os sujeitos entrevistados residiam na comunidade quilombola do Imbé, situada no município de Capoeiras-PE.

Materiais utilizados

Roteiro de entrevista semiestruturada, gravador digital, e software Alceste.

Procedimentos

Os sujeitos foram contatados em suas residências e, após o consentimento foram submetidos a uma entrevista semiestruturada, com roteiro previamente elaborado. Para os sujeitos com idade abaixo de 18 anos, foi solicitada a autorização dos pais ou responsáveis.

O roteiro semiestruturado visava apreender as ideias, valores, sentimentos dos sujeitos sobre a adolescência bem como as práticas sociais percebidas por eles relativas aos adolescentes naquela comunidade. Vale ressaltar que, não se fez uso do termo “adolescência”, nem a outra expressão semelhante, para não enviesar as respostas dos participantes, uma vez que partimos de pressupostos teóricos que defendem a pluralidade de vivências e concepções para essa fase. Buscou-se assim, compreender como esses sujeitos concebem essa etapa do desenvolvimento humano, se e como a nomeiam e representam.

Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra. Em seguida, os dados foram formatados e analisados com o apoio do software Alceste, que classifica de forma automática as palavras de um texto permitindo uma primeira organização dos dados. O software Alceste oferece uma Classificação Hierárquica Descendente e uma Análise Fatorial de Correspondência, a qual permite observar as semelhanças e tensões de sentidos atribuídas pelos sujeitos ao objeto investigado. Finalmente, foi realizada a análise de conteúdo desses resultados.

Durante a coleta de dados não foi possível realizar as entrevistas com números equivalentes de sujeitos do sexo masculino e feminino, principalmente entre os pais ou responsáveis. Isso se deveu à dificuldade de contatar os homens dessa comunidade para a realização da entrevista, uma vez que o contato foi realizado nas casas dos moradores da comunidade. Dessa forma, durante a semana os homens estavam no campo, onde trabalham e nos fins de semana saíam para os botecos e

campos de futebol da comunidade, não sendo possível encontrá-los em suas residências. A possibilidade de abordar os homens nos ambientes que frequentavam nos finais de semana foi cogitada, porém a maioria deles estava alcoolizada, impossibilitando a entrevista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise realizada pelo software Alceste indicou a presença de quatro classes temáticas, agrupadas em dois blocos, cada um subdividido em duas classes, respectivamente, como aponta o dendrograma abaixo. Os blocos foram nomeados de ‘Perfil dos participantes’ e ‘O que é ser jovem’.

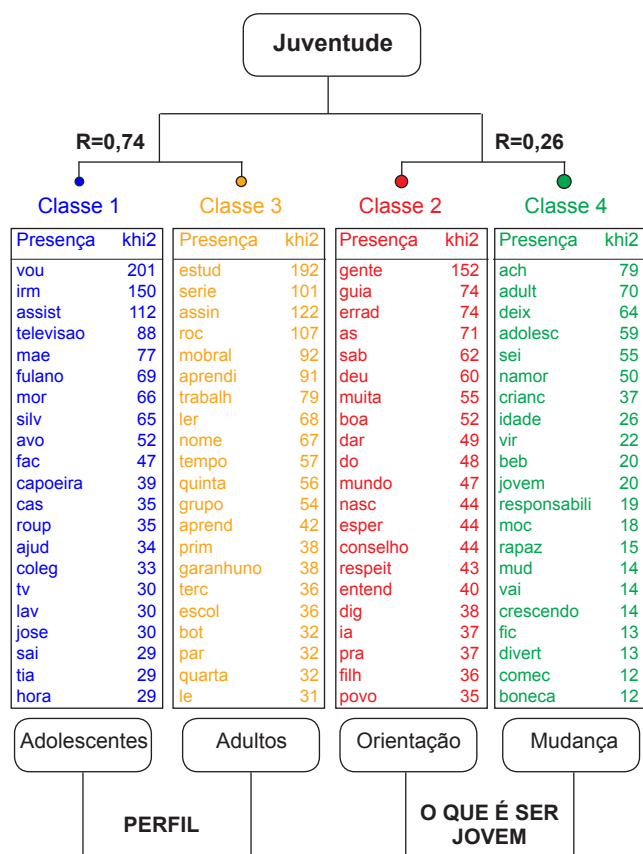


Figura 1. Dendrograma dos discursos dos jovens e adultos sobre juventude.

Bloco1 – Perfil dos entrevistados

O bloco 1 reúne as classes 1 e 3, que concentraram os discursos relativos ao perfil dos entrevistados. A classe 1, por exemplo, que agrupou 14% do conteúdo analisado, inclui os dados dos adolescentes entrevistados, tais como a faixa etária, naturalidade, onde e com quem reside, quantidade de irmãos, local

onde estuda, grau de escolaridade, etc. De maneira geral, esses adolescentes residem com os pais e irmãos, sendo comum um número elevado de pessoas por habitação.

Outro dado sobre o perfil dos entrevistados diz respeito à emergência de um sobrenome representativo da comunidade. Esse sobrenome é compartilhado pela maioria dos habitantes da comunidade estudada, o que pode ser explicado pela frequência de relações intraparentais.

Também foi solicitado aos adolescentes que falassem um pouco de como é o dia-a-dia deles na comunidade. Observou-se que a principal atividade da maioria é o estudo, sendo o município de Capoeiras-PE uma importante referência, pois muitos se deslocam diariamente da comunidade para a escola da referida cidade. Podemos pensar que tal fato aponte para a possibilidade de trocas culturais, de ideias, opiniões, valores e hábitos com outras pessoas, indicando um não isolamento dos habitantes dessa comunidade.

Conforme apontam Almeida, Cunha e Santos (2004), essa fase de formação escolar constitui um reflexo do processo de industrialização datado do início do século XX, em que o estudo torna-se um requisito importante para o ingresso no mundo do trabalho. Nesse sentido, a entrada do adolescente ao mundo adulto é consequentemente retardada, e a adolescência prolongada, adiando sua entrada no mercado de trabalho. Assim, percebemos que, apesar de tratar-se de jovens advindos de uma camada menos favorecida de zona rural, a condição de estudante ainda prevalece. Entretanto, é notório, nesse caso, o atraso acadêmico desses jovens em relação à faixa etária.

Além de estudar, esses adolescentes, tanto meninos como meninas, exercem tarefas domésticas ajudando suas mães nos serviços de casa (lavar os pratos, varrer a casa, botar água, etc.). Alguns meninos, todavia, exercem também atividades típicas do meio rural, auxiliando o pai no trabalho do campo, por exemplo.

Além disso, essa classe inclui as atividades de lazer praticadas por esses jovens. Dentre essas atividades, a televisão ganha destaque, e entre os programas prediletos estão as novelas, desenhos e filmes. É comum, ainda, visitas a parentes e vizinhos, além de passeios, e ocasionalmente, participação em festas na comunidade.

Assim, a análise dessa classe permitiu identificar o discurso que trata desses adolescentes no nível individual, não só em relação ao perfil, mas das próprias atividades realizadas no cotidiano, geralmente vivenciadas no interior de suas casas, como exemplifica o trecho a seguir:

Estudo à tarde. De manhã ajudo minha irmã a arrumar a casa, só. De noite assisto televisão. Final de semana fico em casa, normal. Só arrumo a casa e pronto. E vou assistir tv. (Suj. 19, feminino, 16 anos).

Ainda no bloco 1, a classe 3 é constituída, predominantemente, pelo discurso dos adultos. De modo descritivo, apresenta o perfil dos sujeitos adultos, ou seja, a faixa etária, grau de escolaridade, número de habitantes por residência. Neste perfil foi observada uma média de idade de 47,5 anos entre os pais e responsáveis, com nível de escolaridade que não ultrapassa o Ensino Fundamental I para nenhum dos entrevistados, evidenciando que esta população possui um baixo nível educacional.

As palavras mais representativas dessa classe foram: estudo, série, aprendi, assinar, MOBRAL, trabalho. As palavras estudo e série foram utilizadas pelos sujeitos ao descrever sua juventude e sua vida escolar. Muitos deles também mencionaram a palavra MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), termo que se refere a um programa de alfabetização promovido pelo Governo Federal que teve início na década de 70 e tinha como proposta a alfabetização funcional de jovens e adultos.

Nesse contexto, um índice significativo de adultos afirmou não saber ler nem assinar o próprio nome, apesar de ter frequentado a escola. “Assino não, que eu estudei, mas num aprendi direito. Agora minhas meninas assina que elas já aprenderam” (Suj. 47, sexo feminino, 44 anos). Ao mesmo tempo, foi observada a valorização da vida escolar para estes participantes, uma vez que, palavras mais destacadas nesta classe dão ênfase às atividades escolares, como: série, estudo, aprendi.

Bloco 2 – O que é ser jovem

O bloco 2 é constituído pelas classes 2 e 4, e concentra os discursos referentes às representações sociais de juventude da amostra estudada.

Assim como a classe 3, a classe 2 concentra principalmente o discurso dos pais e/ou responsáveis entrevistados, contemplando palavras como respeito, entendimento, orientação, conselho. Pôde-se perceber que, nesse discurso a adolescência é retratada como um momento de incompletude em relação à fase adulta, de forma que, cabe ao adulto orientar e aconselhar o adolescente para que este alcance o entendimento necessário sobre o “certo” e o “errado”: “Aí eu sempre orientar ela, o que é certo, o que é errado, pra ela não fazer as coisas erradas também, porque se for, vai cair nas costas de quem?” (Suj. 60, sexo feminino, 36 anos).

Nesse sentido, a classe 2 também enfatiza as relações entre pais e filhos, na qual os pais assumem o papel de detentores do saber sobre a vida, e os filhos de aprendizes. Tais concepções da adolescência também se ratificam na fala dos adolescentes:

Porque ficam cobrando demais, não faz isso porque se fizer é errado, às vezes não confiam na gente, é muito chato, cobram que a gente seja do jeito que eles querem e não do jeito que eu escolho, então é muito chato (suj. 26, sexo feminino, 16 anos).

A classe 2 também revela um estranhamento por parte dos pais, quanto às suas experiências de juventude e as experiências atuais de seus filhos: “Por que hoje em dia a gente não pode dominar os filhos mais. Se for falar com eles, quer dar no pai, na mãe. Se for dar conselho tem que abaixar o lombo.” (suj. 46, sexo masculino, 62 anos), relato de um pai ressaltando as mudanças percebidas por ele nas formas de vivenciar a juventude com o passar do tempo. Assim como citou Bock (2004), a juventude de hoje pode não ser a mesma de amanhã em uma nova formação social. Ao mesmo tempo em que os contextos sócio-históricos se modificam, as concepções acerca de determinados objetos sociais sofrem alterações, sendo reelaborados pelos sujeitos sociais.

Um dos sujeitos destacados na classe 2 atribuiu à adolescência similaridade com doença: “Que num tem gente adolescente que nasce assim deficiente com conversa, tem muita gente adolescente que é doente. Ruim, que tem problema na cabeça, que num sabe o que diz, num sabe das coisas” (Suj. 45, sexo feminino, 59 anos).

Esse discurso remete a outras possibilidades de entendimento da adolescência, evidenciando que esse termo tal como entendido na Psicologia e nas grandes metrópoles, ainda não possui um significado enraizado na cultura da população adulta dessa comunidade. Eventualmente, são atribuídas concepções distintas daquelas utilizadas pela Psicologia do Desenvolvimento. Nesse contexto, os termos juventude, moça, rapaz apresentam maior predominância nos discursos dos adultos.

A classe 4 representou mais de 50% do discurso dos entrevistados, e destaca as palavras: adulto, deixar, adolescente, namoro, criança, idade, beber, jovem, responsabilidade, moça, rapaz, mudança, vai, crescendo, diverte, começa, boneca.

De modo geral, a maioria dos adolescentes e adultos entrevistados se referiu à adolescência a partir de comparações com a infância e a vida adulta. A adolescência é representada como um período marcado por mudanças progressivas no jeito, nas

atitudes, implicando aumento de responsabilidades. Aproxima-se, assim, da noção de adolescência como fase transitória, bem como do desenvolvimento como um acúmulo maior de responsabilidade e maturidade, desde a infância à adultez, incluindo, ainda, mudanças comportamentais e físicas.

Começa a ser jovem quando deixa de ser criança. [E quando é que deixa de ser criança?] assim, quando cresce, aí ele vai mudando (Suj. 55, sexo feminino, 38 anos).

Amadureci mais, comecei a namorar, e aprendi na minha vida a ficar mais adolescente, mais madura (Suj. 11, sexo feminino, 17 anos).

Para esses sujeitos, alguns comportamentos caracterizam a adolescência, tais como o namoro, o ato de beber e o divertimento. Dentre estes, o namoro emerge como um dos marcadores principais no discurso dos adolescentes e pais. Ao mesmo tempo em que as questões relacionadas à vida afetivo-sexual marcam a entrada na adolescência, também marcam o final dela, de forma que, essa fase vislumbra seu término com o início da vida sexual e maternidade/paternidade. Para a maioria desses sujeitos, engravidar e ter filhos indica passar a ser responsável por uma família, independente da idade e de sua condição profissional, representa a saída da adolescência. Observa-se que essa concepção é marcada não só por fatores biológicos, mas também sociais e culturais.

Ela não é tão criança mais não, ela é adolescente. Que se deixar ela até paquerar, paquera. Na adolescência pode. Só pensa em festa por aqui, paquerar, farrar, só isso, não tem responsabilidade. (Suj. 23, sexo masculino, 16 anos).

Por outro lado, para alguns, os adolescentes que ainda não vivenciam essas práticas, ou seja, não namoram, não bebem ou frequentam festas, são considerados como “acriançados”, categoria que perpassa a infância e a adolescência. Nesse contexto, a adolescência é diferenciada da infância no que se refere à brincadeira, sendo esse o modo como a infância é geralmente caracterizada pelos participantes. O lúdico emerge como um atributo da infância, não só no sentido do ato em si, mas como atributo da personalidade, sendo assim, o “gostar de brincar”, ser “brincalhão”, ainda ligam a adolescência à infância.

Eu acho que tem muitos que fica sim sendo acriançada ainda. [Como é ser acriançado?] E leva

assim na, tem muita gente que tem, brinca assim sério leva assim na brincadeira que nem criança adolescente (Suj. 45, sexo feminino, 59 anos).

Tal representação é consonante com a pesquisa realizada por Santos, Aléssio e Albuquerque (2007), que estudou as representações sociais do desenvolvimento humano entre pais da zona urbana. Segundo as autoras, a infância é concebida para estes adultos como uma idade de brincadeiras, que é sucedida paulatinamente pela ascensão de novas responsabilidades na adolescência.

Nessa classe, destacaram-se concepções de adolescência objetivada em práticas, como deixar de brincar, namorar, ir para festas, etc. Através do processo de objetivação os sujeitos tornam concreta a passagem da infância para adolescência ou para a vida adulta, possibilitando a construção de teorias sobre o processo de desenvolvimento humano. Para tanto, ancora essas representações ora em hábitos e construções culturais ora em mudanças corporais.

Por aqui mesmo, eu acho que deixa de ser adolescente quando passa pra uma responsabilidade maior, por exemplo, vai ser mãe. Eu acho que aí já é jovem precocemente acho que já deixa de ser adolescente porque é responsabilidade de gente grande aí perde a adolescência completamente (Suj 26, sexo feminino, 16 anos).

Por fim, a idade ainda aparece como um dos marcadores para se determinar o início e/ou o término da adolescência. Entretanto, esse fator não é o mais relevante no discurso dos entrevistados, que apontam para outros aspectos, além do cronológico, para se conceber a adolescência, como aspectos biológicos, sociais, cognitivos e psicológicos.

Eu acho assim, já vai começando a ver o futuro, agora tenho que colocar minha cabeça no lugar, já estou ficando adolescente, já sou pré-jovem então, aí pronto, as responsabilidades aumentam. (...) já tem que colocar a cabeça no lugar pra ver o futuro de outro jeito. Por que, por exemplo, eu sou adolescente, mas eu não vou ser adulto só quando completar idade não. Eu acho assim, vou me divertir como adolescente, mas responsabilidade eu já vou de início. (Sujeito 26, sexo feminino, 16 anos).

Segundo Martins, Trindade e Almeida (2003) a adolescência surge como uma categoria relacionada, inicialmente, à idade, referindo-se, desse modo,

aos aspectos biológicos, de condição e capacidade corporais. Entretanto, apesar das importantes mudanças que ocorrem do ponto de vista biológico e fisiológico, esse período comporta significações elaboradas sócio historicamente, ocorrendo assim, mudanças de papéis, ideias e atitudes. Na narrativa desses participantes, tais mudanças se expressam ora pela menarca, início da vida afetivo-sexual e gravidez, ora pelo progressivo acúmulo de responsabilidade e maturidade, e substituição das brincadeiras típicas de crianças pelas festas da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por muitos anos a adolescência foi naturalizada pelos meios científicos, incluindo a Psicologia. Hoje, alguns teóricos da Psicologia se esforçam para ressaltar a importância do contexto sócio-histórico no desenvolvimento humano (Bock, 2004; Santos e Almeida, 1998, entre outros). Apesar disto, algumas características continuam sendo naturalizadas, como por exemplo, a adolescência como momento de crise existencial, fase de busca por identidade, e auto afirmação. Entretanto, é importante atentar-se para as várias possibilidades de vivenciar a adolescência, e para o fato de que essas podem variar a partir de cada contexto observado.

Em estudos sobre as representações sociais de desenvolvimento humano e de violência entre pais e professores de adolescentes de camadas médias e altas na cidade do Recife e de agricultores da zona rural, Aléssio e Santos (2005) perceberam que tanto entre os diferentes grupos sociais, quanto entre os diferentes contextos essas concepções sofrem modificações. A partir desses estudos foi possível observar que para pais e professores da zona urbana a adolescência é significada como uma fase de rebeldia, transgressão e problemas enquanto que para os pais da zona rural essa fase está ligada a momento de constituição familiar e consolidação no trabalho.

Especificamente na comunidade quilombola estudada, verificou-se que a narrativa dos sujeitos entrevistados explicita uma diversidade de marcadores determinantes da adolescência. De modo geral, pôde-se perceber que esta população delimita uma fase marcada por uma faixa etária situada entre a infância e a vida adulta, com diferentes nomeações.

Entre os pais ou responsáveis, a juventude é caracterizada, sobretudo, pela incompletude e imaturidade, uma vez que estes consideram que são os responsáveis por orientar os filhos enquanto eles ainda não estão suficientemente aptos a tomarem suas próprias decisões. Em contrapartida, alguns jovens

atribuem a essa fase o aumento de responsabilidade comparado com a infância.

Observa-se a existência de práticas típicas de um contexto rural, apesar das expectativas futuras dos jovens de se distanciarem do trabalho no campo, muitas vezes voltados para uma formação acadêmica, na medida em que, os estudos são considerados como importantes para o exercício de uma profissão futura. Ou seja, existe a preocupação por parte destes, em colaborar com os afazeres de casa e estudar visando um futuro mais promissor na vida adulta.

Nesse sentido, os conteúdos das representações sociais de adolescentes elaboradas pelos entrevistados podem estar ancorados nas concepções de adulto, tomada como referência, como modelo a ser alcançado, assim como, esses conteúdos podem servir como legitimadores do papel dos pais e das práticas sociais decorrentes desse papel (Almeida, Cunha e Santos, 2004).

Para ambos os grupos entrevistados, o início da vida afetivo-sexual, o divertimento, participação em festas e consumo de bebidas são práticas típicas dos jovens da comunidade do Imbé, constituindo o principal marcador para essa população.

Como citado anteriormente, as nomeações de adolescência variaram entre os sujeitos entrevistados. Nesse sentido, alguns sujeitos fizeram uso de outros termos para se referir à adolescência, como por exemplo, juventude, moça, rapaz, jovem, "pré-jovem". Uma minoria não mencionou um período transitório entre infância e vida adulta, assim como ocorreu do termo pré-adolescência ser remetido como uma fase posterior à adolescência, ou ainda da pré-adolescência ser prolongada e o período da adolescência diminuído, em termos de faixa etária.

Entretanto, vale lembrar que o termo adolescência não foi apresentado para esses participantes no momento da entrevista. Ao contrário, o objetivo era conhecer as nomeações utilizadas por essa população, assim como as concepções de desenvolvimento e juventude e as práticas atribuídas aos jovens desse contexto. Dessa forma, pode-se concluir que, embora alguns sujeitos concebiam a existência de marcadores clássicos da transição entre infância e vida adulta, o conceito de adolescência, como difundido na Psicologia, não é compartilhado igualmente entre os membros dessa comunidade.

Interessante pontuar que, a nomeação dessa fase como adolescência foi mais comum entre os adolescentes da comunidade do que entre os adultos, os quais utilizaram com maior predominância termos como juventude, jovem, moça e rapaz. Podemos também estender essas considerações aos significados vinculados ao uso desses termos, uma vez que, apontam

para diferenças nas concepções compartilhadas por cada grupo (adolescentes/adultos). Ainda no grupo de adolescentes, essa concepção era difundida entre àqueles que possuíam uma maior inserção escolar. Esses resultados indicam que essas representações variam conforme as gerações e as inserções sociais de cada grupo. Em outras palavras, as mudanças entre os contextos sócio históricos vivenciados pelos pais e o atual contexto escolar e relacional dos filhos tornam as experiências de adolescência/juventude singulares para esses grupos.

As variações nas nomeações e na construção de conceitos sobre a juventude, nesta comunidade, apontam, também, para o caráter dinâmico das representações sociais, que concebem conflitos e hierarquias entres seus elementos constituintes. Nesse sentido, outros trabalhos poderão seguir com o intuito de investigar os aspectos estruturais das representações sociais de juventude nesta comunidade, identificando assim possíveis subdivisões grupais, elementos representacionais mais naturalizados e outros em negociação para mudanças dessas representações sociais.

REFERENCIAS

- Aléssio, R.L.S. & Santos, M.F.S. (2005). Desenvolvimento humano e violência na zona rural In M.F.S. Santos & L.M. Guerra, (Org.). *Diálogo com a teoria das representações sociais* (pp. 77-97). Recife: Ed. Universitária da UFPE e Ed. Universitária da UFAL.
- Almeida, A.M.O. (2003). Os adolescentes em manchete (policial). In A. Paviani, I.C.B. Ferreira & F.F.P. Barreto (Org.). *Brasília. Dimensões da violência* (pp. 219-249). Brasília: UnB.
- Almeida, A.M.O., Cunha, G.G. & Santos, M.F.S. (2004). Formas contemporâneas de pensar a criança e o adolescente. *Estudos*, 31(4), 637-660.
- Almeida, A.M.O. & Santos, M.F.S. (1998). Representaciones del desarrollo: niños, adolescentes y ancianos. In *Cuarta Conferencia Internacional sobre Representaciones Sociales*.
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Benedict, R. (2000). A ciência do Costume. In *Padrões de cultura* (pp. 13-32). Lisboa: Editora Livros do Brasil.
- Bock, A.M.B. (2004). A Perspectiva Sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. *Cad. CEDES*, 24(62), 26-43.
- Brasil. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. *Ordenamento da estrutura fundiária – Quilombolas*. Brasília. Retirado em: 17/06/2011, de <www.incra.gov.br>.
- Fundação Cultural Palmares. *Comunidades Quilombolas*. Brasília. Retirado em: 17/06/2011, de <www.palmares.gov.br>.
- Gomes, F. (2005). *Palmares: escravidão e liberdade no Atlântico Sul*. São Paulo: Contexto.
- Jodelet, D. (2001). Representações Sociais: um Domínio em Expansão. In D. Jodelet (Org.). *As representações sociais* (pp.17-44). Rio de Janeiro: Ed. da UERJ.
- Leite, I.B. (2000). Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. In *Etnográfica*, 4(2), 333-354.
- Martins, P.O., Trindade, Z.A. & Almeida, A.M.O. (2003). O Ter e o Ser: Representações Sociais da Adolescência entre Adolescentes de Inserção Urbana e Rural. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (3), 555-568.
- Minayo, M.C. & Coimbra Jr, C. (Org.). (2002). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Moscovici, S. (1978). *Representações sociais da psicanálise*. São Paulo: Zahar.
- Moscovici, S. (2003). *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Oliveira, M.A.C. & Egry, E.Y. (1997). A adolescência como um constructo social. *Revista Brasileira do Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 7(2), 12-21.
- Reis, M.C.G. (2004). Reflexões sobre a construção da identidade negra num quilombo pelo viés da história oral. In: 27ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação ANPED. Caxambu/MG.
- Santos, M.F.S. (2005). A Teoria das Representações Sociais. In: M.F.S. Santos & L.M. Guerra (Org.). *Diálogos com a teoria das representações sociais* (1ª ed.): (pp. 13-38) Recife: Ed. Universitária da UFPE/Ed. Universitária da UFAL.
- Santos, M.F.S., Aléssio, R.L.S. & Albuquerque, C.M.C. (2007). Adultos e jovens: diferentes olhares sobre o desenvolvimento. *Revista de Educação Pública*, 16, 105-120
- Recebido em: 24.06.2011. Aceito em: 07.05.2012.
- Nota:**
Este trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE).
- Autores:**
Maria de Fátima de Souza Santos – Professora Titular em Psicologia do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
Livia Botelho Félix – Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). <liviabotelhofelix@hotmail.com>.
Edclécia Reino Carneiro de Morais – Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. Bolsista da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE). <edclécia@gmail.com>.
- Enviar correspondência para:**
Maria de Fátima de Souza Santos
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Departamento de Psicologia
Av. da Arquitetura, s/n, 9º andar – Cidade Universitária
CEP 50740-550, Recife, PE, Brasil
E-mail: <mfsantos@ufpe.br>